



RANSOM RIGGS



CIDADE SEM ALMA

==== O SEGUNDO LIVRO ====

DAS CRIANÇAS PECULIARES

DA

— SENHORA PEREGRINE —

Tradução de
RITA CANAS MENDES



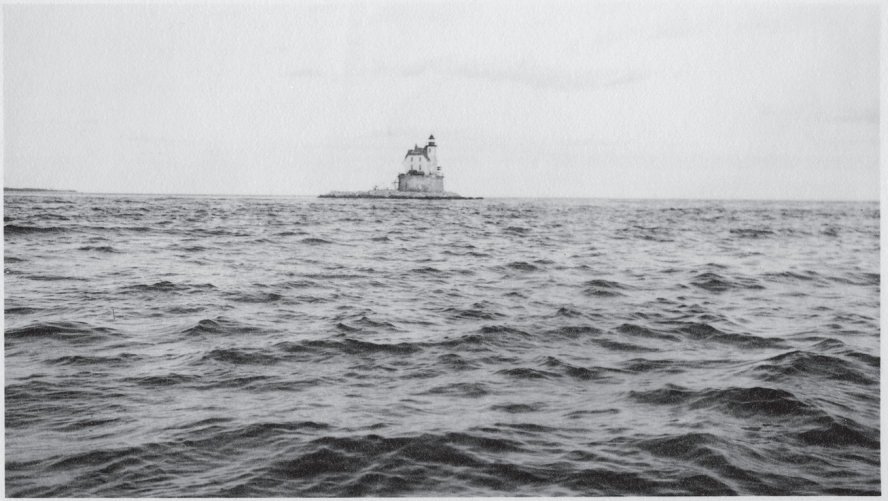
BERTRAND EDITORA
Lisboa 2015



CAPÍTULO 1







escolhera, e tudo o que nele tinha, e todas as nossas preciosas vidas peculiares, estava contido nestas três lascas de madeira a vogar em pleno mar, amplo e inabalável.

Céus.



Os nossos barcos deslizaram facilmente através das ondas, os três lado a lado, com uma corrente a levar-nos na direção da costa. Remávamos por turnos, pegando nos remos à vez para evitar a exaustão, embora eu me sentisse tão forte que, durante quase uma hora, me recusei a largá-los. Fiquei absorto no ritmo das remadas, com os braços a desenhar grandes elipses no ar como se estivesse a puxar na minha direção algo que se recusava a vir. O Hugh manejava os remos voltado para mim, e atrás dele, na proa, com os olhos ocultos pela aba de um chapéu de verão, estava a Emma, sentada com a cabeça para baixo, olhando para o mapa que tinha aberto sobre os joelhos. De vez em quando, levantava o olhar do mapa para observar o horizonte, e a mera visão do seu rosto ao sol dava-me uma energia que eu não sabia que tinha.

Senti que podia remar para todo o sempre, até que o Horace gritou de um dos outros barcos para perguntar que distância ainda nos separava da costa, e a Emma voltou a semicerrar os olhos na direção da ilha e depois de novo para o mapa, tirando medidas com os dedos abertos, e calculou, com alguma dúvida na voz: «Sete quilómetros?» Nessa altura, o Millard, que também seguia no nosso barco, murmurou-lhe algo ao ouvido e ela franziu o sobrolho, virou o mapa de lado, voltou a franzir o sobrolho e depois corrigiu: «Isto é, oito e meio.» Quando as palavras lhe saíram da boca, dei por mim – e por todos os outros – a esmorecer um pouco.

Oito quilómetros e meio: uma viagem que teria levado uma hora no *ferry* enjoativo que me tinha trazido a Cairnholm há umas semanas. Uma distância que um barco a motor de qualquer tamanho percorreria com facilidade. Menos um quilómetro e meio do que aquilo que os meus tios em baixo de forma corriam nalguns fins de semana para ações de beneficência, e apenas mais alguns do que os que a minha mãe se gabava de fazer nas aulas de máquina de remo no seu ginásio sofisticado. Porém,

o *ferry* entre a ilha e o continente só começaria a funcionar dali a trinta anos, e as máquinas de remo não incluíam outros passageiros e bagagem, nem requeriam ajustes permanentes da rota para manter a direção correta. Pior ainda, a extensão de água que estávamos a atravessar era traiçoeira, conhecida por engolir navios: oito quilômetros e meio de um mar temperamental e instável, com o fundo cheio de destroços e ossadas de marinheiros cada vez mais cobertos de algas. E à espreita, na escuridão insondável, os nossos inimigos.

Aqueles que de nós se preocupavam com tais coisas presumiam que havia errantes por perto, algures debaixo de nós, naquele submarino alemão, à espera. Se eles ainda não sabiam que tínhamos saído da ilha, em breve descobririam. Eles não se tinham dado ao trabalho de raptar a senhora Peregrine para depois desistirem à primeira tentativa falhada. Os navios de guerra que avançavam como centopeias ao longe e os aviões britânicos que se mantinham vigilantes lá no alto tornavam demasiado perigoso o submarino emergir em plena luz do dia, mas ao anoitecer seríamos presas fáceis. Eles viriam atrás de nós, levariam a senhora Peregrine e afundariam os restantes. Portanto, remávamos, sendo essa a nossa única esperança de alcançar o continente antes de a noite cair sobre nós.



Remámos até nos doerem os braços e termos os ombros feitos num nó. Remámos até que a brisa matinal amainou e os raios de sol nos queimaram como que através de uma lupa, e o suor se nos acumulou nos colarinhos. Apercebi-me de que ninguém tinha pensado em trazer água doce, e que o protetor solar em 1940 significava ficar à sombra. Remámos até que a pele das palmas das nossas mãos se esfacelou e tivemos a certeza de que não conseguíamos dar nem mais uma remada, mas depois demo-la, e depois outra, e outra.

– Estás a suar em bica – frisou a Emma. – Deixa-me tentar pegar nos remos antes que derretas.

A sua voz tirou-me subitamente do entorpecimento. Assenti, grato, e deixei que ela passasse para o meu banco, mas vinte minutos depois pedi o assento de volta. Não gostei dos pensamentos que me vieram à

cabeça enquanto o meu corpo repousava: imaginei cenas do meu pai a acordar e a ver que eu tinha desaparecido dos nossos aposentos em Cairnholm, da carta surpreendente da Emma em meu lugar, do pânico que se seguiria. Clarões de memórias de coisas terríveis que tinha testemunhado recentemente: um monstro a puxar-me para as suas mandíbulas; o meu antigo psiquiatra a morrer; um homem enterrado num caixão de gelo, arrancado por instantes ao outro mundo para me sussurrar ao ouvido a meia-voz. Então remei, apesar da minha exaustão, de uma coluna que parecia nunca mais poder voltar a endireitar-se e das mãos em carne viva devido à fricção, tentando pensar em coisa nenhuma, com aqueles remos pesados a serem ao mesmo tempo uma condenação e uma salvação.

A Bronwyn, aparentemente incansável, remava num dos barcos sozinha. A Olive estava à sua frente, mas não ajudava; aquela rapariga pequenina não conseguia puxar os remos sem se empurrar a ela mesma para o ar, onde uma rabanada de vento imprevista poderia fazê-la voar para longe, como um papagaio de papel. Assim, a Olive gritava palavras de incitamento enquanto a Bronwyn fazia o trabalho de duas pessoas – ou três ou quatro, se levássemos em conta todas as malas e caixas que tornavam o seu barco mais pesado, cheias de roupa e comida, e mapas e livros, e muitas outras coisas menos práticas também, como vários frascos de corações de répteis em conserva, no saco de viagem do Enoch; ou a maçaneta da porta de casa da senhora Peregrine, que tinha sido arrancada, uma recordação que o Hugh tinha encontrado na relva quando nos encaminhávamos para os barcos e sem a qual decidiu que não podia viver; ou a grande almofada que o Horace tinha resgatado da casa em chamas – era a sua almofada da sorte, segundo dizia, e a única coisa que afastava os seus pesadelos paralisantes.

Outros objetos eram tão preciosos que as crianças se agarravam a eles mesmo enquanto remavam. A Fiona mantinha entre os joelhos um frasco de terra e minhocas do jardim. O Millard tinha feito riscas na cara com o pó de tijolos pulverizados pelas bombas, um gesto estranho que tinha algo de ritual de luto. Se aquilo que haviam guardado e ao qual se agarravam parecia bizarro, uma parte de mim compreendia-os: era tudo o que lhes restava da sua casa. Embora soubessem que ela estava perdida, isso não significava que soubessem como esquecê-la.

Ao fim de três horas a remar como escravos nas galés, a distância tinha encolhido a ilha até ao tamanho de uma mão aberta. Não se parecia nada com a fortaleza aziaga de penhascos que eu vira pela primeira vez umas semanas antes; agora parecia frágil, um pedaço de rocha em risco de ser levado pelas ondas.

– Olhem! – gritou o Enoch, erguendo-se no barco ao lado do nosso. – Está a desaparecer! – Um nevoeiro spectral envolveu a ilha, ocultando-a da vista, e parámos de remar para a vermos sumir-se.

– Digam adeus à nossa ilha – disse a Emma, levantando-se e tirando o seu grande chapéu. – Podemos nunca mais voltar a vê-la.

– Adeus, ilha – despediu-se o Hugh. – Foste muito boa para nós.

O Horace pousou o seu remo e acenou.

– Adeus, casa. Vou ter saudades de todas as tuas divisões e dos jardins, mas terei sobretudo saudades da minha cama.

– Até sempre, vórtice. – A Olive fungou. – Obrigada por nos teres mantido em segurança todos estes anos.

– Foram bons anos... – reconheceu a Bronwyn. – Os melhores da minha vida.

Também eu me despedi em silêncio de um local que me tinha mudado para sempre – e o local que, mais do que qualquer cemitério, conteria a memória, e o mistério, do meu avô. Eles estavam inexoravelmente ligados, ele e aquela ilha, e eu perguntava-me, agora que ambos tinham desaparecido, se algum dia compreenderia o que me tinha acontecido: aquilo em que me tornara, em que me estava a tornar. Eu tinha ido à ilha para resolver o mistério do meu avô e, ao fazê-lo, tinha descoberto o meu. Ver Cairnholm desaparecer era como ver a única chave do mistério afundar-se sob as ondas escuras.

E então a ilha desapareceu simplesmente, engolida por uma montanha de nevoeiro.

Como se nunca tivesse existido.



Algum tempo depois, o nevoeiro apanhou-nos. Pouco a pouco, fomos ficando sem ver nada, com a costa a desvanecer-se e o sol a transformar-se num botão branco-pálido, e andámos aos círculos no turbilhão da maré até termos perdido completamente o rumo. Por fim, parámos, pousámos

os remos e esperámos naquele marasmo silencioso, aguardando que o nevoeiro se dissipasse; até lá, de nada valia continuar.

– Não gosto disto – disse a Bronwyn. – Se a gente esperar demasiado, anoitecerá e teremos de nos haver com coisas piores do que o mau tempo.

Nessa altura, como se o mau tempo tivesse ouvido as suas palavras e decidido pôr-nos no nosso lugar, piorou *a sério*. Levantou-se um vento forte e, instantes depois, o nosso mundo transformou-se por completo. O mar à nossa volta, revoltado, ganhou ondas orladas a espuma branca que embatiam nos cascos e entravam nos barcos, atirando-nos água fria para os pés. Depois veio a chuva, atingindo-nos a pele como se os pingos fossem pequenas balas. Em menos de nada estávamos a ser sacudidos como brinquedos de borracha numa banheira.

– Voltem-se para as ondas – gritou a Bronwyn, cortando a água com os seus remos. – Se elas nos apanham de lado, viram-nos o barco de certeza! – Mas a maioria de nós estava demasiado exausta para remar em águas calmas, quanto mais num mar insurreto, e os outros estavam tão assustados que não conseguiam sequer alcançar os remos, pelo que nos agarrámos às bordas dos barcos como se a nossa vida dependesse disso.

Uma parede de água veio mesmo na nossa direção. Subimos a onda enorme, com os barcos a ficarem quase verticais sob os nossos pés. A Emma agarrou-se a mim e eu agarrei-me à borda; atrás de nós, o Hugh agarrou-se ao assento com os braços. Atingimos o cimo da onda como numa montanha russa, com o estômago a descer-me até às pernas, e, quando descemos a pique, tudo no nosso barco que não estava pregado – o mapa da Emma, o saco do Hugh, a mala de rodinhas encarnada que eu tinha arrastado comigo desde a Florida – voou por cima das nossas cabeças e foi parar à água.

Não havia tempo para nos preocuparmos com o que se tinha perdido, porque inicialmente nem sequer conseguíamos ver os outros barcos. Quando recuperámos o equilíbrio, semicerrámos os olhos na direção do furacão e gritámos os nomes dos nossos amigos. Seguiu-se um terrível momento de silêncio antes de ouvirmos vozes a chamarem-nos de volta, e o barco do Enoch apareceu no meio da bruma, com os quatro passageiros a bordo, acenando com os braços.

– Vocês estão bem? – gritei.

– Ali! – gritaram de volta. – Olhem ali!

Vi que eles não estavam aliviados por nos ver, mas sim a chamar a nossa atenção para algo na água, a uns trinta metros de distância – o casco de um barco virado para cima.

– É o barco da Bronwyn e da Olive! – exclamou a Emma.

Estava voltado ao contrário, com o casco ferrugento apontado para o céu. Não se via sinal de nenhuma das raparigas.

– Temos de nos aproximar! – gritou o Hugh. Esquecidos do nosso cansaço, pegámos nos remos e manobrámos até lá, chamando os seus nomes aos quatro ventos.

Passámos por uma mancha de roupa que tinham saltado de malas escancaradas, com cada vestido a assemelhar-se a uma menina afogada. O coração pulava-me no peito e, embora estivesse ensopado e a tremer, mal sentia o frio. Encontrámo-nos com o barco do Enoch junto ao casco do barco da Bronwyn e, todos juntos, sondámos a água.

– Onde estarão elas? – murmurou o Horace. – Se as perdemos...

– Ali debaixo! – A Emma apontou para o casco. – Talvez estejam presas além!

Tirei um dos remos do encaixe e bati com ele no casco.

– Se vocês estão aí, nadem cá para fora – gritei. – Nós resgatamos-vos!

Durante um terrível momento não houve resposta, e eu senti toda a esperança de as recuperarmos a desaparecer. Foi então que, vinda do interior do barco virado, se ouviu uma leve pancada em resposta – e depois um punho perfurou o casco, com pedaços de madeira a voarem pelos ares, e todos saltámos, surpreendidos.

– É a Bronwyn! – exclamou a Emma. – Elas estão vivas!

Com mais alguns golpes, a Bronwyn conseguiu fazer um buraco suficientemente grande no casco para uma pessoa passar. Eu estendi-lhe o meu remo e ela agarrou-o. Com o Hugh, a Emma e eu a puxarmos, conseguimos tirá-la das águas agitadas para dentro do nosso barco no preciso momento em que o dela afundava, desaparecendo sob as ondas. Ela estava em pânico, histérica, aos gritos com ar que lhe faltava nos pulmões. Chamava pela Olive, que não tinha estado debaixo do casco com ela. Ainda estava desaparecida.

– Olive. Temos de encontrar a Olive – cuspiu a Bronwyn, depois de se ter deixado cair para dentro do barco. Ela tremia, tossia água do mar.

Levantou-se, com o barco oscilante, e apontou para a tempestade. – Ali!
– gritou ela. – Veem?

Protegi os olhos da chuva cortante e procurei-a, mas só via ondas e nevoeiro.

– Não vejo nada!

– Ela está ali! – insistia a Bronwyn. – A corda!

Nessa altura, vi aquilo para que ela apontava: não uma rapariga a esbracejar na água, mas um pedaço grosso de cânhamo entrançado que se erguia a partir da superfície, quase invisível no meio daquele caos. Uma corda castanha esticada partia da água e subia até desaparecer no nevoeiro. A Olive devia estar presa à outra ponta, sem que a avistássemos.

Remámos até à corda, a Bronwyn puxou-a para baixo e, ao fim de um minuto, a Olive apareceu no meio do nevoeiro por cima das nossas cabeças, com a outra ponta da corda atada à sua cintura. Os sapatos da Olive tinham-lhe saído dos pés quando o seu barco se virara, mas a Bronwyn já a tinha atado à corda da âncora, que agora estava no fundo do mar. Caso contrário, por esta altura, ela estaria perdida nas nuvens.

A Olive lançou-se ao pescoço da Bronwyn e balbuciou:

– Salvaste-me! Salvaste-me!

As duas abraçaram-se. Vê-las deu-me um aperto na garganta.

– A gente ainda não está fora de perigo – disse a Bronwyn. – Temos de alcançar a costa antes de anoitecer, ou isto será apenas o começo dos nossos problemas.



A tempestade amainara um pouco e as violentas sacudidelas do mar tinham esmorecido, mas a ideia de dar mais uma remada que fosse, mesmo num mar totalmente calmo, era agora impensável. Ainda não tínhamos percorrido metade do caminho até ao continente e já estávamos irremediavelmente exaustos. As minhas mãos latejavam. Os meus braços estavam pesados como troncos de árvore. Não só isso, mas o incessante abanar diagonal do barco estava a ter um claro efeito no meu estômago – e, a julgar pelas cores esverdeadas nos rostos à minha volta, eu não era o único.

– Bem, descansemos um pouco – propôs a Emma, tentando mostrar-se encorajadora. – Descansemos e tiremos a água dos barcos até que o nevoeiro se dissipe.

– Nevoeiro como este faz o que lhe apetece – frisou o Enoch. – Pode manter-se durante dias, sem abertas. Daqui a umas horas anoitece e nessa altura só nos resta esperar que chegue o amanhecer sem que os errantes nos encontrem. Estaremos completamente indefesos.

– E sem água – lembrou o Hugh.

– Nem comida – acrescentou o Millard.

A Olive pôs ambas as mãos no ar e disse:

– *Eu* sei onde está!

– Onde está o quê? – perguntou a Emma.

– A costa. Eu vi-a quando estava na outra ponta daquela corda. – A Olive tinha estado acima do nevoeiro, segundo explicou, e vislumbrara o continente com nitidez.

– Isso adianta muito – resmungou o Enoch. – Demos meia dúzia de voltas sobre nós mesmos desde que estiveste lá em cima.

– Então deixem-me ir para lá outra vez.

– Tens a certeza? – perguntou-lhe a Emma. – É perigoso. E se uma rabanada de vento te leva? E se a corda se parte?

A expressão da Olive tornou-se glacial.

– Ponham-me lá em cima – repetiu ela.

– Quando ela fica assim, não há discussão possível – disse a Emma. – Passa-me a corda, Bronwyn.

– És a rapariga mais corajosa que já conheci – elogiou a Bronwyn, e depois lançou-se ao trabalho. Tirou a âncora da água e içou-a para o nosso barco. Com o comprimento extra de corda que isso nos deu, juntámos os dois barcos remanescentes, para que não se voltassem a separar, e depois subimos a Olive, que atravessou o nevoeiro em direção ao céu.

Houve um momento de silêncio desconfortável, em que todos olhávamos para uma corda nas nuvens, com as cabeças para trás, à espera de um sinal dos céus.

O Enoch quebrou o silêncio:

– E então? – perguntou ele, impaciente.

– Estou a vê-la! – foi a resposta da Olive, cuja voz mal se ouvia, sendo apenas um pequeno guincho por cima do ruído das ondas.

– Para mim é quanto basta! – disse a Bronwyn. Enquanto o resto de nós se agarrava ao estômago e se dobrava sobre si inutilmente nos bancos, ela trepou para o barco da frente, pegou nos remos e começou a remar, guiada apenas pela ténue voz da Olive, um anjo invisível nas alturas.

– Esquerda... mais para a esquerda... não tanto!

E foi assim que, muito lentamente, nos dirigimos para terra, tendo sempre o nevoeiro no nosso encaço, com os seus fiapos cinzentos, quais dedos da mão de um fantasma, sempre a tentar engolir-nos de volta.

Como se a própria ilha também não nos quisesse deixar partir.